

# RIO DAS ALMAS

RAPSÓDIA DRAMÁTICA

AFONSO FELIX DE SOUSA



EDITORA CATEDRA/PRÓ-MEMÓRIA  
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

AFONSO FELIX DE SOUSA

# **RIO DAS ALMAS**

Rapsódia dramática

**LIVRARIA EDITORA CÁTEDRA**  
**Rio de Janeiro**  
**Em convênio com**  
**INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO**  
**Fundação Nacional Pró-Memória**  
**Brasília**  
**1984**

## DADOS SOBRE O AUTOR

AFONSO FELIX DE SOUSA nasceu em Jaraguá, Goiás, a 5 de julho de 1925, tendo feito carreira como funcionário do Banco do Brasil, ao qual serviu em nosso país e no exterior. Em sua carreira paralela iniciada em 1948, com a publicação de *O Túnel*, no Rio de Janeiro, onde reside, torna-se uma das vozes mais atuantes e representativas da moderna poesia brasileira.

### BIBLIOGRAFIA:

- O Túnel* (poesia) — Edições Orfeu, Rio, 1948.
- Do Sonho e da Esfinge* (poesia) — Edições Orfeu, Rio, 1950; 2.<sup>a</sup> edição, 1967.
- O Amoroso e a Terra* (poesia) — Livros de Portugal, Rio, 1953; 2.<sup>a</sup> edição, Edições Orfeu, Rio, 1968.
- Memorial do Errante* (poesia) — Livros de Portugal, Rio, 1956; 2.<sup>a</sup> edição, Edições Orfeu, Rio, 1968.
- Hugo de Carvalho Ramos* (edição crítica "Nossos Clássicos") — Agir, Rio, 1959.
- Íntima Parábola* (poesia) — Livros de Portugal, Rio, 1960; 2.<sup>a</sup> edição, Edições Orfeu, Rio, 1968.
- Caminho de Belém* (poema dramático) — Livros de Portugal, Rio, 1962.
- Album do Rio* (poesia) — Livros de Portugal, Rio, 1965.
- Antologia Poética* — Editora Lektura, Rio, 1966; 2.<sup>a</sup> edição, Editora Oriente, Goiânia, 1979.

## PERSONAGENS:

**DIOGO:** ex-bandeirante, dono de minas de ouro — cerca de 50 anos

**ADELAIDE:** sua mulher — 35 a 40 anos

**ISABEL:** filha do casal — adolescente

**BERNARDO:** irmão de Adelaide — cerca de 25 anos

**FULÔ:** jovem escrava

**DITO:** escravo, noivo de Fulô

1.º ESCRAVO

2.º ESCRAVO

3.º ESCRAVO

DUAS VOZES

## CENÁRIO:

Duplo, dando a impressão de certa distância entre os dois. No da esquerda, margem arenosa e pedregosa de um rio, com grande pedra junto à passagem da água. No da direita, varandão de entrada de uma casa de fazenda, como seria nos meados do século XVIII, no sertão brasileiro.

## PREGÃO

*Em tela móvel, no primeiro plano do palco, são projetados, durante o recitativo das vozes, slides que focalizam trechos de um rio e suas margens, com ênfase na grande pedra que aparece no cenário.*

1.<sup>a</sup> VOZ:               Era uma vez: Junto às lavras  
passava um rio sem nome.  
Lá, o que foi brilho de ouro  
o tempo apaga e consome.  
Lá, a história das pessoas  
o tempo passa e não come.

2.<sup>a</sup> VOZ:               As coisas que aconteceram  
vieram dar nessas trovas.  
Daí aquelas pessoas  
já mortas serem tão novas.  
E se conto a história delas,  
de tudo eu posso dar provas.

1.<sup>a</sup> VOZ:               Das coisas que aconteceram  
eu juro que nada invento.  
E dizer que uma menina  
teve assim, por um momento,  
bem junto aí dessa pedra,  
de tudo um pressentimento!

2.<sup>a</sup> VOZ:               E era aí que ela ficava  
por horas e horas do dia.  
Sentada aí nessa pedra,  
ela em cismas se perdia.  
Ninguém sabe o que pensava.  
Ninguém sabe o que sentia.

## 1.º QUADRO

*A tela desaparece e abre-se o pano. No cenário à direita, Diogo completamente imóvel numa versão rústica das modernas cadeiras-de-roda. Adelaide, sentada próxima dele, examina com atenção grande caderno cartonado. No cenário à esquerda, Bernardo mede com os passos a distância e a relação de determinado local com a grande pedra junto ao rio. Com expressão diabólica, demonstrando uma satisfação anormal, experimenta diversas maneiras de assinalar o local, ora plantando uma muda de árvore ou fincando uma estaca, ora arrastando para ali uma pedra; mas depois de fazê-lo desaprova-as com um gesto de cabeça e põe-se a aplinar com a mão o local, como se o acariciasse. De súbito ouvem-se uns sons agudos, fantasmagóricos, misto de vento contra folhagens e gemidos vindos das profundezas. Bernardo fica a escutar, intrigado, e Adelaide levanta-se e olha em direção ao ponto em que ele se encontra.*

**ADELAIDE:**      Ora! Não está ventando,  
e das folhas, junto ao rio,  
— estás ouvindo, Diogo? —  
sobe um sopro, um assovio.  
Parece gente gemendo  
e lançando um desafio  
a alguém.

*Adelaide volta a sentar-se e reabre o caderno. Bernardo, sempre com ar intrigado e um certo pavor, dá um último olhar ao local que desejava assinalar e sai, deixando vazio o cenário à esquerda. Com a saída dele cessa o ruído.*

ADELAIDE:

Eu olho este livro.

Olho, olho, e não acredito.  
Lembro bem: A cor da capa  
era esta, mas... esquisito!  
Há um tom, uma nuance  
neste aqui... Bem, eu hesito  
em ver nele o verdadeiro.  
E os algarismos... É pena  
que a escrita não seja em letras.  
A tua letra, pequena,  
logo eu reconheceria,  
não é, Diogo?... Ah! e ordenas  
de outra maneira as colunas.  
Deus me perdoe... É pecado  
julgar os outros sem provas...  
Mas, não... Isso está errado:  
Duas arrobas, treze onças,  
o total do ouro catado?!  
Não, não pode, aqui há cousas...  
Não sei não... Alguma treta...  
Não achas também, Diogo?  
Se olho por outra faceta,  
bem... Há de estar o outro livro,  
crelo, em alguma gaveta.  
O quê? O que é que estou vendo?  
Este oito, Diogo... este oito...  
O teu não é mais redondo?  
Não!... Seja quem for o afoito  
que isso fez, vai pagar caro,  
que coisa assim não acoito.  
Não me chamasse Adelaide!  
A última escrita... Dezembro,

vinte e um... Sim, depois sumiram  
os escravos... bem me lembro,  
Mas não... não pode estar certo,  
e vem aí alto membro  
da Real Coletoria!  
Que estranho!... Tão de repente  
os negros desaparecem,  
tu ficas assim... doente,  
e este livro — meu Deus, dele  
a falsidade é patente. —  
E agora?... E agora, Diogo?  
Como é que eu vou sair dessa?  
Sei que esses homens do fisco  
são hábeis e agem depressa.  
Vão querer ver os registros  
e fazer logo a remessa  
do que é devido à Coroa.  
Diogo... e o tal relatório?  
Ai, meu Deus, que purgatório,  
saber que sobre essas coisas  
já começa o falatório.  
Vamos, Diogo, me ajuda.  
Não fiques aí, calado.  
Só mais uma vez na vida  
fala... Ele foi mandado?  
E este livro aqui, é falso?  
Onde o outro está guardado?

*Olha desanimada para o marido e se debruça sobre  
o caderno. Apaga-se a luz do palco e um foco desce  
sobre o rosto de Diogo, mostrando de algum modo  
que a cena seguinte é uma visão interior, uma  
projeção do seu pensamento.*

## 2.º QUADRO

*Volta a luz, mas diferente, mais rarefeita, como aliás virá a ser nas outras cenas em flash back. No cenário à esquerda, Isabel está sentada na pedra, olhando o rio, de meio perfil para a platéia. No da direita, Diogo continua no mesmo local, mas agora numa poltrona semelhante à anterior, mas sem rodas. Adelaide, sentada quase aos pés do marido, borda em silêncio uma peça de enxoval de noiva. Entra Bernardo, a examinar o caderno de registro do ouro catado nas lavras.*

- BERNARDO:** Diogo, vi todo o livro.  
Mas, palavra, não entendo.  
Aqui só vejo algarismos  
num desconcerto tremendo.
- DIOGO:** Pois todo o registro do ouro  
é como aí estás vendo.
- ADELAIDE:** Bernardo, ao menos se ouvisse  
isto de uma outra pessoa!  
Mas tu, que em quase seis anos  
fizeste um curso em Lisboa...
- BERNARDO:** Cursei mineralogia,  
coisa que disso destoa.
- DIOGO:** Meu caro, só quem registra  
o que tem, sabe se é rico

ou não. Por lei, no registro  
do ouro um bom tempo eu dedico.  
Se é fato que não entendes,  
vem cá, que tudo te explico.

*Bernardo curva-se e abre o caderno à frente de  
Diogo. Quando este vai começar a explicação, apa-  
ga-se a luz à direita. Voz de Fulô, chamando:*

Sinhazinha!

*A esquerda entra Fulô. Logo em seguida entram  
Diogo e Adelaide que se mantêm à distância.*

**FULÔ:** Sinhazinha,  
minha goela está doendo  
de tanto eu te chamá. Ora!  
Onde tu tava escondendo,  
e a gente feito uma doida  
de um lado pro outro correndo?

**ISABEL:** Por aí... Andava à toa.

**FULÔ:** É... pra acabá praqui vindo!

**ISABEL:** Vou onde me dá vontade.

**FULÔ:** Mas é hora de i vestindo,  
Sinhá Zabé, o vestido  
pra festa de hoje... É tão lindo!

**ISABEL:** Ah, sim, meu vestido novo.  
Eu bem que quero vesti-lo  
e sentir colado ao corpo  
aquele azul tão tranqüillo.  
Mas não é caso de pressa.

**FULÔ:** Gente, vestido é aquilo!  
Tou vendo a festa... E se o povo

chega — e tu nesse relaxo?  
Sei que qué é ficá vendo  
a água rolá rio abaixo.  
Mas a Sinhá tá chamando,  
e tu tem que i logo, eu acho.

ISABEL:

Ah, que mamãe não me entende  
e vive assim me apressando.  
Tá bem! Vai, Fulô, e espera  
por mim no meu quarto. Quando  
eu for te conto uma cousa  
que meu pai anda tramando.

*Fulô sai. Isabel, que permanece sentada durante a  
cena, mexendo apenas com os braços e a cabeça,  
volta à posição de antes, a olhar o rio, de meio  
perfil para o público. Diogo e Adelaide caminham  
até perto dela e, ao vê-los, ela se levanta.*

DIOGO:

Então, filhinha, não cessas  
de namorar esse rio,  
e aqui esqueces de tudo,  
hein?

ADELAIDE:

Filha, e teu noivo e tio?  
E os convidados? E a festa?  
Arre! As vezes desconfio...

ISABEL:

Mamãe, o que desconfia?

ADELAIDE:

Que não queres casamento.

ISABEL:

Adivinhou... Mas que arguta!

ADELAIDE:

O quê!... Mas que atrevimento,  
ousar dizer que não queres.

ISABEL:

Não quero. Digo e sustento.

ADELAIDE:

Que engraçada! E o que tens contra?

ISABEL: Não tenho nada... Não quero.

DIOGO: Estás nervosa, filhinha.

ADELAIDE: Trata de ser mais severo com ela. Filho atrevido é cousa que não tolero. "Estás nervosa, filhinha!" Isso é que perde a menina.

ISABEL: Mamãe, eu estou perdida?

ADELAIDE: Precisas de ser mais fina, mais sensata, mais cordata, mais dócil, mais feminina.

ISABEL: Mas, mamãe, por que não posso não querer esse noivado?

ADELAIDE: Porque desde que nasceste foi por teus pais ajustado. Porque não há de haver outro do nosso e do teu agrado como o teu tio Bernardo. Porque sendo nossa filha hás de ter como marido alguém da nossa família. Porque assim todo o ouro, numa futura partilha...

ISABEL: O ouro... O ouro... Sempre o ouro!... Acho tudo tão errado.

DIOGO: Onde está o erro, filhinha?

ISABEL: Em tudo... Nesse noivado... Nessa loucura pelo ouro... E nesse ouro amaldiçoado.

ADELAIDE: Não vêes que estás sendo ingrata? Ingratidão é tão feio!

**ISABEL:** O ouro... O ouro... Sempre o ouro!...  
Por ele o mundo está cheio  
de crimes e de injustiças.  
Esse ouro... como eu o odeio!

**ADELAIDE:** As lavras de onde arrancamos  
esse ouro de que assim falas,  
sabes: teu pai deu a vida  
para achá-las e explorá-las.  
Tudo por ti... Teu futuro.  
E agora, vê se te calas.

**ISABEL:** Bem sei, mamãe, mas não quero  
que pensem no meu futuro.  
Quero pensar por mim mesma.  
Quero... Meu Deus, é tão duro  
explicar o que pensamos  
se o pensamento é obscuro!

**ADELAIDE:** Então?... Vais precisar sempre  
de um homem para ajudar-te.  
E melhor do que Bernardo  
não terás, modéstia à parte.

**DIOGO:** Tudo está bem, minha filha.  
Já que não queres casar-te...

**ADELAIDE:** Sim... Tudo está bem, Diogo.  
E ela vai casar-se em breve.

**DIOGO:** Se ela não quer, paciência.  
Forçá-la assim não se deve.

**ISABEL:** Gosto muito do Bernardo.  
Que a mal ele não me leve.  
É meu tio. É meu amigo.  
E talvez eu venha um dia  
a desposá-lo, com isso  
tendo uma grande alegria.

Mas não agora... Por que a senhora não adia esse noivado?

ADELAIDE:

Impossível!

A noite celebraremos o noivado, e em teus quinze anos o casamento faremos.

DIOGO:

Adelaide, por que levas as cousas sempre aos extremos?

ADELAIDE:

Os filhos devem lembrar-se de quanto aos pais é devido. Vai, Isabel, vai depressa pôr o teu lindo vestido. E o colar, e o broche de ouro...

ISABEL:

Isso não!... Não tem sentido pôr ouro sobre o meu corpo. Alguma coisa me diz que o ouro que hoje colhemos há de fazer infeliz...

ADELAIDE:

Basta de infantilidade! Agora a tola prediz. Vai depressa, que é bem pouca a paciência que me resta.

DIOGO:

Vai, filha, que não podemos deixar de dar essa festa. E quanto ao teu casamento, amanhã, depois da sesta, estudaremos um meio de o prorrogar por uns anos.

*Pausa, enquanto Isabel sai.*

ADELAIDE:

Ouvi bem?... Vais prometendo assim, feito homens levianos.

**DIOGO:** A menina está nervosa.  
Então, mudemos os planos.  
Não vais querer que assim fique  
no meio dos convidados.

**ADELAIDE:** “Então, mudemos os planos!”  
Oh homem dos meus pecados!  
Já vi que em manobrar filhos  
os homens são uns errados.  
Cousas assim é que perdem  
a menina... Eu me distraio.  
e fazes suas vontades.  
E sei: se de perto saio,  
por ela apanhas a lua  
e entras debaixo de um raio.  
E viste no que dá isso?  
Petulância... Atrevimento...  
Nunca pensei... Nossa filha!  
Lembro tão bem o momento  
em que meu pai avisou-me  
sobre o nosso casamento.  
Que fiz? Aguardei o dia  
de me tornar tua esposa.  
E se nutria outros sonhos  
pus sobre eles uma lousa.

**DIOGO:** Só que ela é tão... tão criança.

**ADELAIDE:** Não ligas cousa com cousa.  
E eu, não era uma criança?

**DIOGO:** Sim... mas são tão diferentes  
as pessoas!... Adelaide,  
não sentes como eu... não sentes  
alguma cousa esquisita  
ou razões bem procedentes  
na aversão de nossa filha  
ao ouro?

ADELAIDE:

É tudo bobagem!  
É pose de moça rica,  
que finge não ver vantagem  
no que possui, por ter muito.  
Então não sei que assim agem  
muitas pessoas que chegam  
ao mundo tudo já tendo?  
Como há de trazer desgraça  
nosso ouro... esse ouro estupendo  
que brota das nossas minas  
e está nos enriquecendo?  
Que Isabel diga bobagens,  
mas não lhe dê importância.

DIOGO:

Só que vai haver nas lavras  
em breve uma sindicância.

ADELAIDE (*dá de ombros*): Ora!

DIOGO:

Dos fiscais do Reino  
é conhecida a ganância.  
Queria falar-te nisso  
só depois da festa. mas  
a aversão dessa menina  
ao ouro... ao nosso ouro... faz  
que eu tenha idéias sombrias,  
e elas me roubam a paz.

ADELAIDE:

Que tens a temer, se tudo  
aqui já legalizamos?  
Se tens tudo organizado?  
Se em terra nossa é que estamos?  
Não dê tampouco importância  
a essas idéias, e vamos!

*Diogo e Adelaide saem. Apaga-se a luz do palco.  
Ouvem-se ponteiros de dois violões que, contra-  
ponteando em ritmo lento e langoroso, acompa-  
nham o canto das vozes e continuam por algum  
tempo.*

1.<sup>a</sup> VOZ: Juriti chora na mata.  
Juriti, como suspira!  
O ouro é o brilho da terra;  
atrás dele o mundo gira.

2.<sup>a</sup> VOZ: Juriti chora na mata.  
Juriti, como suspira!  
O ouro é veneno da terra  
que o mundo vira e revira.

### 3.º QUADRO

*Volta a luz — agora claridade normal — no cenário à direita. Diogo, na cadeira-de-rodas, e Adelaide, o livro entre as mãos, estão como no 1.º quadro.*

**ADELAIDE:** Tudo porque não me punhas,  
meu velho, a par dos negócios.  
Os homens... só outros homens  
eles aceitam por sócios.  
Para as mulheres, a casa,  
crianças, conversas, ócios.  
E eu estou só. No Bernardo  
não tenho mais confiança;  
nem conto com nossa filha,  
ela também tão criança.  
Espera aí... Vou chamá-la.  
Pensar sozinha me cansa.

*(Chama):* Ô Isabel!

**ISABEL (entrando):** A senhora?

**ADELAIDE:** Olha bem para este livro.  
Quero que digas, agora:  
Alguma vez o viste antes?  
Responde já, sem demora.

**ISABEL:** Ora! O livro de registro.

ADELAIDE: Sim, Isabel. Mas, repara.  
O livro de que te lembras  
não tinha a capa mais clara?

ISABEL: Sei lá... A senhora sabe  
que o assunto do ouro me enfara.

ADELAIDE: Bem. Só uma cousa, filha:  
Terás, por acaso, ouvido  
teu pai aludir à soma  
do ouro este ano produzido?

ISABEL: Ah! Mesmo se não quisesse  
ouvir, eu teria ouvido.  
Pois repetiu tantas vezes  
que iriam as catas do ano  
a vinte arrobas... Coitado!  
Quando lembro que seu plano  
era com as rendas do ouro  
fundar novo centro urbano  
nas cercanias das lavras...

ADELAIDE: Então não estou maluca.

ISABEL: Mas, mamãe, por que diz isso?

ADELAIDE: Nem que estivesse caduca  
ia deixar de ver tudo.  
E isso é demais, me machuca  
como uma lâmina fria  
cortando-me o coração.

ISABEL: O que foi?... Não é à toa  
que odeio o ouro...

ADELAIDE: Ai!... o irmão  
de quem eu tanto esperava...

ISABEL: Mamãe, não fique assim não.

ADELAIDE: Vai, Isabel. Vai embora.  
Preciso ficar sozinha.

ISABEL: Está bem. Mas a senhora  
não vai ficar só, mãezinha.  
Papai...

ADELAIDE: Sei, filha... mas deixa-me.

*Isabel sai*

Ai, meu Deus, que vida a minha!  
Meu único irmão... Nem quero  
pensar no que estou pensando.  
Se fosse apenas o livro!  
Mas, e o ouro?... E os negros?... Quando,  
meu Deus, eu terei certeza  
do que aqui vem-se passando?  
Sem essa certeza, como  
a alguma ação dar começo?  
Ah, meu irmão!... É agora.  
Vou saber a qualquer preço.  
Eu tenho que saber tudo.  
Se não, até enlouqueço.

*Chama: Fulô!*

VOZ DE FULÔ: Inhora?

ADELAIDE: Vai logo  
ao quarto do meu irmão...

FULÔ (*entrando*): Do Nhô Bernardo?... No quarto?..  
Eu queria num i não...

ADELAIDE: Vai, atrevida, e correndo.

FULÔ: Tá bão. Disculpa... Tá bão.  
Dispois de chamá, eu posso  
i na beirada do rio?  
É pra...

ADELAIDE: Vamos! Anda logo.

*Fulô sai. Daí a pouco entra Bernardo, que avança para beijar Adelaide no rosto e é repellido.*

BERNARDO: Mana, que olhar mais sombrio!

ADELAIDE: Teremos longa conversa,  
mas por agora a abrevio.  
Conheces já este livro?

BERNARDO: Claro! O de registro do ouro.

ADELAIDE: Qual ouro?

BERNARDO: O que está guardado  
nas duas sacas de couro.

ADELAIDE: Duas arrobas, treze onças!

BERNARDO: Exato. E ao Real Tesouro,  
irmã, verás que — conforme  
Diogo e eu calculamos —  
um arratel... mais quatro onças...  
mais seis oitavas, nós vamos  
dar.

ADELAIDE: Duas arrobas! Treze...  
Bernardo, onde nós estamos?  
Se bem umas vinte arrobas  
tínhamos faz alguns dias!

BERNARDO: Mas o que é que estou ouvindo?  
Ora, Adelaide, então crias  
nessas alucinações  
e douradas fantasias?

ADELAIDE: Que alucinações?

ADELAIDE: Que alucinações?  
... pois se sempre um vidro cheio...

**BERNARDO:** E vias sempre esse vidro?

**ADELAIDE:** Via, e neles me baseio...

**BERNARDO:** No porão há uma saca cheia, e outra pelo meio. No total: duas arrobas e treze onças, boa mana.

**ADELAIDE:** Havia quatorze sacas no porão... Ninguém me engana!

**BERNARDO:** Lá, ao porão, ias sempre?

**ADELAIDE:** Sim. Não faz uma semana fui lá embaixo ver o ouro, e foi com grande surpresa que encontrei só duas sacas.

**BERNARDO:** E antes ias?... Tens certeza de lá teres visto toda essa impossível riqueza?

**ADELAIDE:** Diogo disse — e isto basta-me.

**BERNARDO:** Adelaide, até me admiro. Mulher tão inteligente! Sabes o que te sugiro? Que faças uma viagem. Viver assim, num retiro, dá nisso. Pareces cega! Teres anos convivido com o Diogo, e as manias dele, a falta de sentido dos seus atos e palavras nem notavas... Teu marido deve estar, e há muito tempo, com o cérebro afetado. Desculpa-me. O que te digo,

sei, não é do teu agrado;  
chegando aqui, notei logo  
algo estranho em meu cunhado.  
Então pensas que as pessoas  
ficam assim, desse jeito,  
é de uma vez ou, por outra,  
é por motivo ou efeito  
de um súbito ataque? Enganas-te.  
Foi sempre um homem direito.  
Sem dúvida. Quem discute?  
Mas manias de grandeza  
destruíram-no, Adelaide.  
Tenho que usar de franqueza  
e, como irmãos, nós dois temos  
de pôr as cartas na mesa.  
Quem?... Quem se dizia dono  
do mais rico descoberto  
de Goiás? Quem se julgava  
o mais nobre, honrado e esperto  
dos homens?... E quem queria  
construir aqui por perto  
uma cidade — e isto apenas  
para deixar nome e glória?  
Delírios, irmã, delírios.  
Eram delírios a história  
de arrobas de ouro e do vidro.  
Vias no vidro, ó simplória,  
dia após dia o mesmo ouro.

ADELAIDE:

Bernardo, e o livro?

BERNARDO:

Mas, mana,  
depois de tudo que eu disse...

ADELAIDE:

O livro. ninguém me engana.  
Quero o livro de registro,  
não prosa de um doidivanas.

BERNARDO:

Se em tuas mãos vejo o livro!

ADELAIDE: Quero o livro verdadeiro.

BERNARDO: Mas que livro?... Ah, Adelaide!  
De tudo aos poucos me inteiro.  
Oral... E eu tão certo de que era  
por prazer ou por esmero  
que ele dava tanto tempo  
a esses registros... Mas vejo  
que ele mantinha dois livros.  
E num deles, no desejo  
de impressionar minha mana  
— ah, vi tudo num lampejo! —  
lançava arrobas e arrobas...

ADELAIDE: Ei! Basta de fantasias  
e trata de dar-me o livro,  
que nestes cinco ou seis dias  
terei de mostrá-lo aos homens  
da Real Coletoria.

BERNARDO: E então?... Aí tens o livro.  
Diogo fez com cuidado  
do início ao fim os registros.  
É pena estar entrevado,  
pois pelos homens do fisco  
na certa será louvado.  
Ele e eu tudo revimos,  
e tudo estava perfeito.  
Podemos ficar tranqüilos.  
Com os registros desse jeito  
entre os fiscais nossas lavras  
gozarão de bom conceito.  
Então paguemos os quintos  
de lei ao Real Tesouro,  
compremos outros escravos,  
vendamos um pouco do ouro...

ADELAIDE: E nos preparemos para  
ser presos no ano vindouro.

**BERNARDO:** Estás louca?

**ADELAIDE:** Então não sabes  
que foi feito um relatório  
à Real Coletoria?  
E que se é contraditório  
o total nele e no livro,  
farão interrogatório?  
Não vês que as cousas estranhas  
que aqui vêm acontecendo,  
ao serem investigadas  
vão findar transparecendo?  
Não mintas! O resto do ouro,  
onde é que estás escondendo?  
E, também, o que fizeste  
dos escravos catadores?  
Vamos! Dize-me a verdade,  
mas a verdade não doures.  
Se não, ela será dita  
a nós pelos coletores.

**BERNARDO:** Mas em que casa de loucos  
me meti, Virgem Maria!  
Que foi feito um relatório  
à Real Coletoria,  
eu soube pelo Diogo.  
Mas quem faz nem sempre envia.

**ADELAIDE:** Há dias, com o Diogo  
eu o vi todo concluído.  
Pouco mais de vinte arrobas  
era o total referido.  
Como agora não o encontro  
no lugar, há de ter sido  
mandado a quem de direito  
em São Paulo ou em Lisboa.

**BERNARDO:** Será que toda a família  
da mente não está boa?

Isabel — naquelas cismas...  
Diogo — não arrazoa...  
Diogo não... Pois é isso!  
É isso mesmo... Os fiscais,  
ao verem lá declarados  
tão elevados totais,  
verão ser cousa de um homem  
que não raciocina mais.  
Isto, Adelaide, diremos...

**ADELAIDE:** Nunca!... Nunca uma inverdade  
diria sobre o Diogo,  
mormente a uma autoridade.  
Vamos! E o ouro? E os escravos?  
E os registros?... Por piedade!

**BERNARDO:** Se ele e Isabel estão loucos,  
estás é louca varrida.  
Se tem sentido culpar-me  
por loucura cometida  
pelo Diogo? E o que tenho  
com a negrada fugida?  
Sou lá bode expiatório  
do que de mau acontece?  
Deixo-te, irmã, que este assunto  
tratado assim me aborrece.

*Sai. Pausa.*

**ADELAIDE** (*Voz deprimida.*):  
Quanto mais Bernardo fala,  
mais a suspeita em mim cresce.  
Diogo, peço-te, ajuda-me.  
Vê: Eu vou ficar olhando  
bem no centro dos teus olhos,  
e vais responder-me quando  
eu pedir, num pequeno gesto,  
se o livro que estou mostrando  
— este... olha... estás vendo? — é falso.

Sim. Basta um pequeno gesto  
quando eu fizer a pergunta.  
Um mexer do olhar — e o resto  
saberei. Não é preciso  
de tua parte protesto  
ou expressão de outra coisa.  
Se com teus olhos piscares,  
tomarei contra o Bernardo  
as medidas exemplares.  
Mas tenho que ter certeza,  
e é preciso que me ampares.  
Olha este livro, Diogo,  
e mexe um olho... É o nosso?

*Pausa.*

Nada... Como uma doença  
faz de um homem um destroço!  
E eu não posso fazer nada  
sem tua ajuda... não posso.

*Apaga-se a luz. Foco sobre o rosto de Diogo. Po-  
teios dos violões e trechos esparsos dos cantos e  
ritmos que vão ser executados no quadro seguinte.  
Desaparece o rosto de Diogo, mas continuam por  
algum tempo os violões a acompanharem os cantos  
e ritmos, que vão baixando de tom até às primeiras  
das próximas falas.*

#### 4.º QUADRO

*Luz rarefeita. Diogo, Adelaide e Bernardo, em trajes de festa, no cenário à direita. Às escuras o cenário à esquerda.*

ADELAIDE: E Isabel, como demora!  
O que será que há com ela?

DIOGO (*jovial*): É da mulher: Se a esperamos,  
ela protela, protela.  
Pensa talvez que, esperada,  
quando surge ainda é mais bela.  
Não achas também, Bernardo?

BERNARDO: Claro! Claro!... Mas, escuta:  
O que é mesmo que dizias?  
Cidade?... Quem executa  
as obras de uma cidade?

DIOGO: Bem, Bernardo, essa é a luta  
que me vai tomar o resto  
da vida... E quero que seja  
uma cidade de fato,  
não aldeia sertaneja.

ADELAIDE: Até já tenho o projeto  
de construção de uma igreja...

DIOGO: Pois é. Lá perto das lavras...

- ADELAIDE:** Por causa de uma promessa.
- DIOGO:** Com uma cidade habitável  
logo o progresso começa,  
e para ao sertão dar vida  
é o que mais interessa.  
A administração das lavras  
ficando por tua conta.  
já posso, na área marcada,  
construir de ponta a ponta.  
Não quero morrer, meu filho,  
sem ver a cidade pronta.
- BERNARDO:** Mas, Diogo, uma cidade?  
Uma cidade inteirinha?  
Vais querer fazê-la toda?
- ADELAIDE:** Só a igreja é cousa minha.
- BERNARDO:** E a fortuna que é preciso?  
Puxa!... Logo se adivinha:  
O ouro das lavras é pouco.
- DIOGO:** Sabes por que nunca falho?  
Porque se subo numa árvore  
já sei que é sólido o galho.  
Vais saber dos meus recursos  
já, com teu novo trabalho.  
Viste o livro de registro...
- BERNARDO:** Ver, eu vi... mas não compreendo...  
Ou melhor... não acredito...  
Ou melhor... eu não entendo  
aquelas cifras enormes...  
Não acredito... nem vendo.  
Nunca... Não pode ser ouro.
- DIOGO:** É ouro, meu filho, é ouro.  
É o ouro das nossas lavras

metido em sacas de couro.  
Ouro em arrobas e arrobas  
que no porão entesouro.

**BERNARDO:** Arrobas?... São quase vinte  
todo o ouro lá registrado.  
É ouro demais... Por isso  
creio que estás enganado.

**DIOGO:** Pois o que consta no livro  
é o que tenho guardado.

**ADELAIDE:** E que ouro, irmão! Que ouro!  
Tão douradinho e tão puro  
que dói nos olhos da gente.

**DIOGO:** Este lugar tem futuro,  
Bernardo. É fértil a terra,  
bom o clima, e só procuro  
precipitar o que um dia  
de algum modo há de ser feito.  
A terra aqui nos dá tanto  
que é dela um santo direito  
fazer que nela apliquemos  
— e tudo em nosso proveito.  
Aqui viverão meus netos,  
os meus, os teus descendentes.  
Assim, vais cuidar das catas  
e eu, de medidas urgentes  
para construir a cidade  
lá perto das nossas lavras.

**BERNARDO:** Quase vinte arrobas de ouro!  
Ah, não... Nem tenho palavras.  
Nunca me falaste nisso  
nas cartas que me mandavas.

**DIOGO:** É... foi de fato abundante  
nosso ouro este ano colhido.

BERNARDO: E onde é que está todo esse ouro?

ADELAIDE: Ora, Bernardo! Escondido.

DIOGO: Quem tem guardado tanto ouro,  
se o divulga está perdido.  
Serás, Bernardo, o primeiro  
que levarei ao porão,  
onde nem mesmo Adelaide...

ADELAIDE: Dá uma sufocação  
ir lá embaixo, e olhar o ouro  
é dele a nova paixão.  
Por isso, não me intrometo.

DIOGO: Sabes? Fiz um relatório...

ADELAIDE: Olha! Isabel já vem vindo.

DIOGO: Por lei, é obrigatório...

ADELAIDE: Não!... Com Isabel falemos  
de algo mais próprio: o casório...

BERNARDO: Algo mais próprio que o ouro?  
O que é?

*Entra Isabel, em magnífico vestido azul celeste.*

DIOGO: Não é uma fada?  
Bernardo, vê como é linda  
a noiva a ti destinada.  
Em todo Goiás duvido  
que haja moça mais prendada.

ADELAIDE: Ora!... Bernardo tem olhos  
para ver. Não é preciso  
do que já vê por si mesmo  
lhe dar esse prévio aviso.  
Isabel, e o colar de ouro?

ISABEL: Já disse e de novo friso,  
mamãe, que não gosto de ouro.

BERNARDO: Mas, Isabel, o que dizes?  
Isto é blasfêmia, isto é coisa  
de gente sem diretrizes.

ISABEL: Hum!... Vá lá que gostes de ouro,  
mas que assim o divinizes!

BERNARDO: Pois nós falávamos de ouro.  
Do ouro dessas lavras novas.  
E quero falar ainda,  
se assunto tão feio aprovas.  
Parece que teu pai brinca.  
Se não, que me mostre provas.  
Ora, quase vinte arrobas  
catadas num ano apenas  
nessas lavras!...

ISABEL: Ah, as lavras...  
Já ouvi as cantilenas  
que os escravos cantam quando  
festejam suas novenas.  
Deixaram mais cedo as lavras.

DIOGO: Deixaram por ordem minha.  
Quis que parassem as catas  
logo cedo, na tardinha,  
para com cantos e danças  
animar nossa festinha.  
Na nossa casa é preciso  
de um pouco mais de alegria.  
Incrível que esta menina  
tão linda que — Ave Maria! —  
em cismas à beira d'água  
passe uma parte do dia.  
Não sei... Parece loucura...  
Parece até que é feitiço.

Vamos ver se nos ajudas,  
Bernardo, a acabar com isso.

ADELAIDE: O que parece é que tudo  
que te falo eu desperdiço.  
Por que dar tanta importância  
a essas cismas... a essas cousas?  
E dizer que nossa filha  
parece louca, como ousas?

DIOGO: É bom dizer tudo aos noivos  
sobre as futuras esposas.

ADELAIDE: Se Isabel tem um defeito,  
é isso... é esse topete.  
A teimosia, esse jeito  
de quem não... não se submete.  
E eu não tolero criança  
que a ter vontades se mete.  
Não sei... a tudo que falo,  
me encara com desafio.  
Vai pôr o teu colar de ouro!

BERNARDO: Não há mal em ver o rio  
e olhar a passagem da água.

ISABEL: Mas não é mesmo, meu tio?

*Pausa. Violões. Ilumina-se o lado esquerdo, que em  
vez do cenário anterior mostra o terreiro ou pátio  
pegado ao varandão da casa da fazenda. Vozes dos  
escravos cantando:*

Ê-vem, ê-vem, ê-vem,  
ê-vem beirando o mar.  
Ê-vem a mãe sereia  
pros filhos ajudar.

*Os violões baixam de tom.*

ISABEL: Ouça, papai! Os escravos,  
Fulô já sabe a surpresa.

DIOGO: Se ela sabe, então os outros  
sabem também, com certeza.  
Mas vou mostrar-lhes quem fica  
à frente da nossa empresa.  
Desde a vinda do Bernardo  
só pensam em conhecê-lo.

*Pausa. No lado esquerdo, sempre cantando, entram os 1.º, 2.º e 3.º escravos, que ao se aproximarem do varandão, à vista dos senhores brancos, param de cantar. Cessam os ponteios. Pouco depois, mantendo-se a alguma distância dos três escravos, entram Dito e Fulô.*

Escravos! Seu novo dono  
aqui vocês podem vê-lo.  
É quem vai cuidar das catas,  
e eu só lhes faço um apelo:  
É que trabalhem com ele  
como trabalham comigo.  
Assim, muito mais que um dono  
vocês vão ter um amigo  
a lhes dar, estejam certos,  
prêmio em lugar de castigo.  
Em breve será meu genro,  
além de ser meu cunhado.  
Na nossa festa, esta noite,  
anunciarei o noivado.  
Com minha filha em três meses  
seu dono estará casado.

*Isabel olha com espanto para o pai. Faz que vai dizer alguma coisa, mas se cala.*

E agora, escravos, lhes digo  
o que, acho, já lhes foi dito.

Mas por ser boa notícia,  
em todo caso repito:  
Fulô e Dito estão livres.

1.º, 2.º e 3.º ESCRAVOS (*Gritando*):

Viva a Fulô! Viva o Dito!

*Acordes dos violões. Os escravos se dão a mão e se põem a cantar:*

Ê-vem, ê-vem, ê-vem,  
ê-vem beirando o mar.  
ê-vem a mãe sereia  
pros filhos ajudar.

*Dito caminha em direção ao grupo enquanto repete com entonação emocionada um segundo refrão:*

Ê-vem, ê-vem, ê-vem,  
ê-vem beirando o mar.  
ê-vem a mãe sereia  
e os filhos vai salvar.

*Os três escravos estendem a mão a Dito e Fulô e, sempre alternando o canto de Dito e dos demais, executam uma dança na qual Fulô é a estrela, ora sendo carregada por dois negros, ora pelos dois outros. Acentuar de algum modo a surpresa e fascinação de Bernardo, que durante a dança não tira os olhos de Fulô. A luz à esquerda vai extinguindo-se aos poucos, e quando se faz escuridão completa sobre os negros suas vozes e os violões se calam.*

ADELAIDE:

Que bom, uma cousa destas!  
Uma tão grande alegria  
nesses coitados é cousa  
que logo me contagia.

BERNARDO: Já dão liberdade a escravos?  
É cousa que eu não sabia.  
É bonita à bessa... a dança.  
Digam... Quem é a negrinha?

ADELAIDE: É Fulô... Cuida da casa  
praticamente sozinha,  
não é, filha?

ISABEL (*Amuada*): É.

ADELAIDE: Mas agora  
vai fazer tudo o que vinha  
fazendo, mas com salário.

BERNARDO: Negro com salário?!... Bem,  
Diogo, vi quatro negros.  
Não vais dizer-me também  
que só eles catam o ouro.

DIOGO: Só os quatro. Mais ninguém.

BERNARDO: E mesmo assim, vinte arrobas?

DIOGO: Quase... E isto, menos um quinto,  
ao ser vendido é o lucro.

ISABEL: O senhor esqueceu... Sinto...

BERNARDO (*Brusco*):  
Isabel, não interrompas!  
Que dizes, Diogo? Um quinto...  
Menos um quinto... Isto reservas  
para quem?

DIOGO: Para a Coroa.  
Serão quase quatro arrobas.

BERNARDO: Para a Coroa? Em Lisboa?

DIOGO: É claro.

BERNARDO: É uma fortuna  
que vai jogar fora, à toa.

DIOGO: Quanto mais ouro catado,  
mais ouro a dar como imposto.

BERNARDO: Mas por que... se o Reino ignora  
o nosso ouro?... Que mau gosto!

DIOGO: Bernardo, é a lei. Do Reino  
não sou mais do que um preposto.

ADELAIDE: Tanto estudaste, e não sabes?

DIOGO: Espera, eu te mostro o texto  
da lei.

*Prepara-se para sair.*

ISABEL: E aquela promessa  
— hein, papai? — feita a pretexto...

DIOGO: Não prometi coisa alguma.

*Sai e volta logo em seguida, mantendo-se afastado  
dos demais, a ler um pedaço de papel.*

BERNARDO: Seja um quinto ou seja um sexto,  
isso é lá lei que se cumpra.

ADELAIDE: Não conheces teu cunhado.

BERNARDO: Mas, mana, são quatro arrobas!  
Ele está é transtornado.

ADELAIDE: Ele está é sem saúde.  
Assim, Bernardo, cuidado  
ao tratares dessas cousas

com ele. Não pode em excesso ter zelos, contrariedades, que há meses um forte acesso quase o mata, e é perigoso repetir-se... O que te peço é que nunca o contraries.

**ISABEL:**

Além disso, se o objetivo da sua vida foi o ouro, o alto tributo é motivo para lhe dar do sucesso um sentimento bem vivo. Por mim, eu acho um absurdo dar a vida, a vida inteira, a buscas e extração de ouro. Chego a pensar que é asneira tirar da terra esse inútil metal... De qualquer maneira...

**BERNARDO:**

De qualquer maneira, ó tola! não passas de uma menina.

**ISABEL (Surpresa):**

Ora, o que são quatro arrobas para quem tem nossa mina?

**BERNARDO:**

Quem diz uma coisa destas diz bobagem... não opina. Que foi, Adelaide, o que houve com o Diogo?... Eu não sabia.

*Isabel sai. Diogo aproxima-se e mostra o pedaço de papel a Bernardo, que meneia a cabeça com ar de desafio. Apaga-se a luz. Daí a instantes, foco sobre o rosto de Diogo, imóvel, na cadeira.*

## 5.º QUADRO

*Luz rarefeita. No cenário à direita Bernardo está concentrado no exame do livro de registro, e de vez em quando faz anotações em outro livro parecido. Enquanto isso ouve-se a voz de Fulô cantando:*

Lá perto da correnteza  
que aos óios dela seguia,  
ninguém sabe o que pensava,  
ninguém sabe o que sentia.

*De súbito Fulô entra. Ao ouvir passos, Bernardo esconde às pressas um dos livros.*

**FULÔ:** Nhô Bernardo, tá na mesa.

**BERNARDO:** Como é? Não se bate à porta?

**FULÔ:** Ah!... Vosmicê me desculpa.  
É que a tramela tá torta.  
Num fecha a porta direito.

**BERNARDO:** Bem, dessa vez não importa.  
Mas bate sempre, está certo?

**FULÔ:** Tá.

*Bernardo chama-a com um gesto. Ao tê-la a seu alcance ergue a mão para apalpar-lhe, como quem*

*avalia, partes diversas do corpo. Adelaide, sem que Bernardão perceba, chega à porta, e logo a seguir Diogo, este com ar preocupado mas dominando-se.*

BERNARDO: Sabes que és linda e danças divinamente... com arte?

FULÔ: Eu, é?

BERNARDO: Se os seios avanças para mim, acendes flamas que viram doces possanças.

FULÔ: Ora, Sinhô! Num intendo. Vosmicê fala bonito!

BERNARDO: Minha nega, tu me embriagas a cada vez que te fito.

FULÔ: Engraçado!... Minha nega... Que nem como fala o Dito.

ADELAIDE: Ei, Fulô, já para fora! Bernardo, o que estás fazendo?

*Fulô sai. Bernardo procura disfarçar, encabulado.*

BERNARDO: Eu?... Nada... Esperando o almoço.

ADELAIDE: Oh, mas isso é estupendo! Já te ocupas do registro?

BERNARDO: Não... Por enquanto estou vendo como é mesmo que são feitos no livro os registros do ouro. Até que é cousa bem fácil. Não é trabalho de mouro. Falta o Diogo mostrar-me as tais das sacas de couro. Sem vê-las, eu continuo tendo-as por cousas abstratas.

Impossível! Vinte arrobas  
em um só ano de catas.

ADELAIDE: Vais ver que com meu marido  
as cousas são sempre exatas.  
Se registrou vinte arrobas,  
são vinte arrobas catadas.

*Percebe a presença de Diogo, que por todo o tempo  
se manteve à porta, sempre com ar preocupado.*

Diogo, ele já viu como  
as catas são registradas.  
Que as suas outras tarefas  
sejam de vez combinadas.

DIOGO: Há tempo, Adelaide. Agora  
temos problema mais sério.  
Vem comigo, e bem depressa.

ADELAIDE: Mas por que tanto mistério?  
Se é sério assim, o Bernardo  
pode até, com seu critério,  
opinar, nos dar ajuda.

DIOGO: O assunto é para nós dois.  
Não podemos perder tempo.

BERNARDO (*Com malícia*):  
Só para os dois... Por quem sois!  
Vou indo e os deixo à vontade.

ADELAIDE: Bem... Vai, mas volta depois.

*Bernardo sai*

DIOGO: O caso é que nossa filha...

ADELAIDE (*Com ironia*):  
Já sei. Já sei... Avallo

que a menina morre em cismas  
na pedra à beira do rio,  
não é? Só de pensar nisso,  
olha: eu toda me arrepio.

DIOGO: Ela bebeu, Adelaide.

ADELAIDE: Veneno?

DIOGO: Exato: Veneno.

ADELAIDE: Veneno? Falas a sério?  
E vens assim tão sereno  
contar-me uma cousa destas!

*Corre para sair.*

DIOGO: Fica aqui mesmo, eu te ordeno.  
Com ela está a Mãe Preta  
para impedir que ela acorde  
e outra tolice cometa.

ADELAIDE: É minha filha. Vou vê-la,  
e que ninguém se intrometa.

DIOGO: É nossa filha, Adelaide,  
e a nós dois cabe salvá-la.

ADELAIDE: Salvá-la?... Então ela corre  
perigo? Onde está? Na sala?  
Mandaste chamar o médico?  
Já mandaste?... E o padre?... Ei, fala!  
Meu Deus!... Talvez sofra dores,  
ou esteja agonizando.  
Vou lá... Não cabe à Mãe Preta  
ficar seu leito guardando.

DIOGO: Calma, mulher! Da menina  
o médico está cuidando,

é o que tens a fazer... Olha:  
Estás vendo este papel?  
É um bilhete encontrado  
junto ao corpo de Isabel.

ADELAIDE: Junto ao corpo?... Ela está morta?  
Fala. Não sejas cruel.

DIOGO: Asseguro-te: Está viva.  
E ouve o que diz no bilhete:  
“A casar-me a contragosto  
prefiro a morte...”

ADELAIDE: Repete.

DIOGO: “A casar-me a contragosto  
prefiro...”

ADELAIDE: Mas que topete!  
Foi Isabel... Eu nem creio...  
Nossa filha escreveu isso?

DIOGO: Foi ela mesmo... Assim vamos  
dar por nulo o compromisso.

ADELAIDE: Oh, nunca!... Esse casamento  
se fará... Nem fales nisso.

DIOGO: No caso, nada podemos  
fazer de precipitado.  
Pensa bem: Quando a menina  
voltar a si desse estado.  
Qual a primeira pergunta  
que fará? — Sobre o noivado.  
E se nós lhe demonstrarmos  
que nem pensamos no caso...

ADELAIDE: Depois do que ela fez, vamos  
contrariá-la por acaso?

Vou vê-la. Depois dir-lhe-emos  
que vamos dar-lhe algum prazo.

*Adelaide sai. Diogo senta-se pensativo. Apaga-se a luz e por um momento se focaliza, como há pouco, o rosto de Diogo. Voltando a luz, ele continua ali sentado, pensativo.*

**DIOGO:** Tão perigoso veneno  
como terá arranjado?  
Eu vou ter uma conversa  
bem séria, no povoado,  
pois do nosso boticário  
é que ela terá comprado.

**ADELAIDE (Entrando):**  
Graças a Deus está salva.  
É, meu velho, é muita sorte.  
Era um veneno terrível,  
de dar num instante a morte.  
Disse o doutor que está salva  
por não ter sido bem forte  
a dose, e a parte ingerida  
graças a Deus foi bem pouca.  
Pois quase todo o veneno  
escorreu de sua boca.

*Pausa.*

Minha filha... uma criança!  
Parece até que está louca.

**DIOGO:** Pois é porisso, Adelaide,  
que digo não estar certo  
deixá-la viver em cismas  
à beira do rio, perto  
daquela pedra... E nem ligas.  
Até ris quando te alerto.  
E se ela houvesse morrido?  
E o nosso arrependimento?

Já vês que razões eu tenho  
se com ela me atormento.  
Por tudo isso é que eu queria  
protelar o casamento,  
e assim fazer-lhe a vontade.  
Mas tu, a eterna teimosa...

**ADELAIDE:** Homem, não fiques nervoso,  
senão me deixas nervosa.  
Sabes, como eu, que é difícil  
ter filha assim, caprichosa.  
Pensava que não é grave,  
e continuo pensando,  
o seu costume ou mania  
de ficar horas cismando,  
como penso que exageras  
tanto assim te atormentando.  
Como tudo me entristece!  
O mundo não tem mais jeito.  
Para ela nós escolhemos  
quem seria o mais perfeito  
dos noivos...

**DIOGO:** Não escolhemos.  
Quando eu soube, estava feito  
o trato.

*Bernardo entra. Diogo, erguendo-se da cadeira,  
dirige-se a ele à queima-roupa.*

Tu vais agora  
dizer-me o que lhe fizeste.

**BERNARDO:** Que fiz?... Com quem?... Não entendo.

**DIOGO:** Vamos! Que mágoa lhe deste?

**BERNARDO:** Não sei... Não fiz nada... Juro  
até pelo Pai celeste.

ADELAIDE: E quanto à Fulô, Bernardo...

BERNARDO: O quê?... Quem?... Aquela escrava?  
Cada vez entendo menos.

DIOGO (*Dando-lhe o bilhete*):  
Lê. E verás que ela estava  
disposta mesmo.

BERNARDO (*Depois de ler*): Mas como?  
Com isto Isabel me crava  
um punhal aqui, no peito.  
É minha noiva e sobrinha.  
Que mal podia eu fazer-lhe

o irmã, esposa, essa tão minha? ia eu fazer-lhe seu agrado?		vejo-a com filha e pe O que pod senão par
Fulô, Bernardo?	ADELAIDE:	E com a
que fiz de errado? escrava em tudo isso? . Eu fico calado, cabe resposta.	BERNARDO:	Enfim, o Que tem Ora esta! já que não
ão sei o motivo anta, Adelaide.	DIOGO:	Também r dessa perg
gava mais vivo.	ADELAIDE:	Pois te jul
iz no bilhete é alusivo	BERNARDO:	O que se entendi qu a...
mo, Bernardo: ou matar-se.	DIOGO:	É isso mes Isabel tent
te estás me dizendo?	BERNARDO:	O que é q

ADELAIDE: Que ela tentou suicidar-se.

DIOGO: E assim, agora não cabe  
meia medida ou disfarce...

BERNARDO: Como está ela?

ADELAIDE: Está salva.

DIOGO: Mas está na cama, inerte.  
Assim, resolvamos tudo  
já, antes que ela desperte.  
E tu, tenhas ou não feito  
algo de sujo ou solerte,  
não importa; o que me importa  
é ver feliz minha filha.  
Por tudo quanto é sagrado,  
pelo sol que no céu brilha,  
ninguém as cousas por ela  
decidirá, se isso a humilha.  
Por isso, que renunciés  
ao casamento eu exijo.

BERNARDO: Ora!... Bem... Não sei, Diogo...

ADELAIDE: Ai, meu Deus, como me aflijo!

BERNARDO: Se está em jogo o bem dela,  
é razão de regozijo  
poder fazer qualquer cousa.  
Por mim, não há compromisso.

ADELAIDE (*Surpresa*):

Ora, Bernardo!... Bem, nada.

DIOGO: Pois não se fala mais nisso.  
Vou vê-la, e depois tratemos  
do que será teu serviço.

*Diogo sai seguido por Adelaide. Esta, sem uma pa-  
lavra, ao sair encara Bernardo com um misto de*

*desconfiança e decepção. Ao se ver só, Bernardo pega o livro de registro que havia escondido e volta a examinar um dos livros e fazer anotações no outro. Depois de algum tempo, batidas na porta.*

**BERNARDO:** Oi, deve ser a negrinha!  
Pois desta vez não escapa.

*Diogo entra. Tem nas mãos um rolo de papel e um vidro.*

Diogo!... Tu?... Tão depressa?

**DIOGO:** Olha, Bernardo, olha o mapa das lavras. Elas contigo vão entrar em nova etapa. Quero que saibas, meu filho, que mesmo sem casamento porás à frente das minas o teu saber e talento. És meu parente mais próximo...

**BERNARDO:** Isto me dá novo alento. Como está minha sobrinha? Sentia que nada valho depois desse gesto dela. Tentei fazer um trabalho, mas de tão impressionado as idéias embaralho.

**DIOGO:** Está fora de perigo. Dorme um sono tão sereno!

**BERNARDO:** É bom que também descanses, que o susto não foi pequeno.

**DIOGO:** Mas onde foi minha filha arranjar tanto veneno? Olha o tamanho do vidro.

BERNARDO: Mais tarde vou, bem discreto,  
fazer-lhe uma visitinha,  
mostrando assim meu afeto.

DIOGO: É bom. Afinal vão ambos  
viver sob o mesmo teto.  
Que livro é esse, Bernardo?

BERNARDO: O de registro... Não vê?  
Aprendi como isso é feito  
até que com rapidez,  
embora seja trabalho  
de uma grande insipidez.

DIOGO: Eu falo é daquele livro  
igual... quase igual ao nosso.

BERNARDO: Comprei-o no povoado.  
Assim, como vê, esboço  
outros registros, supostos,  
e os nossos melhor eu posso  
fazer.

DIOGO (*Folheando o livro.*)

Mas perdes teu tempo.  
E, além do mais, és modesto.  
Chegamos a vinte arrobas.  
Registas duas... E o resto?  
Fazes um belo trabalho,  
mas assim não é honesto.

BERNARDO: Não vêm vindo aí os homens  
da Real Coletoria?

DIOGO: Sim, mas vê que sempre trago  
estes registros em dia.

BERNARDO: Na Coletoria sabes  
que impera a velhacaria.

Que tal mostrar a esses homens  
meu livro... E dar meia saca  
somente de ouro em tributo?  
Velhaco contra a velhaca.

**DIOGO:** Por favor, nem penses nisso.

**BERNARDO:** É cousa de gente fraca  
declarar tudo o que ganha.  
Diogo, dar quatro arrobas!

**DIOGO:** Essas pessoas do fisco  
são espertas, não são bobas,  
e devemos ser honestos.

**BERNARDO:** É claro! Mas de quem roubas?  
Te metes por anos e anos  
por estes sertões desertos.  
Depois de mil sacrifícios  
encontras uns descobertos.  
Lutas, trabalhas — e o ouro  
entregas a esses espertos.

**DIOGO:** Um quinto apenas, Bernardo.

**BERNARDO:** Apenas, hein?... Esta é boa!  
Se pensas que esses velhacos  
hão de vir aqui à toa.  
Se declaras vinte arrobas,  
logo em São Paulo e em Lisboa  
de muitos outros velhacos  
acenderás a cobiça.

**DIOGO:** Eu sei muito bem que o ouro  
tais sentimentos atíça.  
Mas os quintos à Coroa  
devo pagar, por justiça.

**BERNARDO:** Está bem... Mas quatro arrobas!  
Que pensamento sinistro!

Vê, Diogo, vê meu livro.  
Eu caprichei no registro.  
Mostremo-lo aos coletores,  
que rei nenhum, ou ministro,  
saberá do ouro que temos.

DIOGO: Não, Bernardo. Lei é lei.

BERNARDO: A lei é lei para os tolos  
e os inimigos do Rei.  
Vim há pouco de Lisboa,  
caro irmão, e então não sei  
o que é que fazem na Corte  
com o ouro desta colônia?  
Metem as mãos nos tributos  
sem a menor cerimônia.  
Se sabem de uma pessoa  
como tu, direita e idônea,  
não têm o menor escrúpulo  
de lhe arrancar todo o ouro.  
E então, Diogo?... Se pensas,  
verás que não há desdouro  
em sonegar o que chega  
pela metade ao Tesouro.  
E o que é que faz a Coroa  
por esta colônia imensa?  
Tanto ouro que lhe mandamos,  
e qual nossa recompensa?  
Diogo, no que te digo  
um pouquinho ao menos pensa.

DIOGO: Tens tuas razões, Bernardo.  
Mas isto é outro problema.  
De Portugal somos súditos  
e a nossa meta suprema  
é lutar pelo progresso  
dentro da lei... este, o lema.  
Dando um quinto do ouro, ainda  
temos ouro em quantidade,

e a própria lei nos protege  
contra a má autoridade.  
O meu quinhão ao progresso  
será construir a cidade  
que sonho, perto das lavras.  
Assim, no dia em que os veios  
de ouro não derem mais nada,  
existirão outros meios  
de vida: gado, lavoura...  
Eu já vejo os campos cheios.

**BERNARDO:** Quanto à cidade, estás certo.  
Mas quanto ao tributo, friso  
que calculá-lo tão alto  
não convém, não é preciso.

**DIOGO:** A burlar as leis, Bernardo,  
prefiro ter prejuízo,  
E para que tu não penses  
em fazer alguma asneira,  
vou pegar este teu livro  
e transformá-lo em fogueira.

*A medida que diz a fala acima, com voz que se vai tornando lenta e cansada, procura sentar-se na poltrona, leva com dificuldade a mão ao peito e fica imóvel. O livro escorrega de sua mão.*

**BERNARDO (Sem olhar para Diogo):**  
Fogueira... Ô cabeça dura!  
Nunca vi tanta cegueira.  
Esses coletores — ora! —  
com ouro a gente os adoça.  
É lhes dar umas pepitas  
e eles fazem vista grossa.  
Homem, se tudo declaras,  
serás objeto de troça.  
Se em regra os donos de minas  
escondem o produzido

e apresentam papéis falsos,  
ser honesto tem sentido?  
É... Por este teu silêncio  
vejo que estás convencido.  
Que bom!... Vamos agir certo,  
pois mais dia menos dia  
vai explodir na colônia  
a revolta, a rebeldia.  
Um pouco de ouro que dermos  
ao movimento, auxilia,  
e ao resto, num país livre,  
daremos melhor destino.  
Podes ficar descansado.  
Farei um trabalho fino,  
mostrando as frações dos pesos  
bem conforme o figurino.  
Duas arrobas, treze onças  
— eis a total produção.  
Um quinto dá meia arroba,  
tirada certa porção.  
Depois calculo direito.  
Ora! O meu livro no chão?

*Abaixa-se para apanhar o livro, e só então dá-se  
conta do estado de Diogo. Chama-o, toca-lhe o braço,  
ouve-lhe o peito e chama-o novamente. Prepara-se  
para sair, mas volta, apanha o livro no chão e  
esconde-o juntamente com o outro. Depois, como  
que movido por um pensamento secreto, pega o  
vidro de veneno e o mapa das lavras, escondendo-os  
também. Apaga-se a luz.*

## 6.º QUADRO

*Luz normal. No cenário à direita, Diogo na cadeira-de-rodas, e Adelaide, com ar desamparado e o livro fechado entre as mãos, sentada próxima dele. Entra Isabel.*

ISABEL: Mãezinha, não vai dizer-me, afinal, o que se passa?

ADELAIDE: Filha, é tudo tão absurdo que já nem sei o que faça, e onde eu olhe, filha, vejo só nuvens negras, desgraça.

ISABEL: Por que diz isso? É por causa desse livro...

FULÔ (*entrando*): Inhora, acode!  
Fui na beirada do rio...  
O que vi, Sinhá, nem pode sê... que nem gente gemendo que as coisas até sacode.

ADELAIDE: Mas também tu?... Também ouves?

FULÔ: Ih, Sinhá, e dá um medo!

ISABEL: Engraçado! Esse barulho ouvi também ontem cedo.

Mas pensei que fosse o vento  
contra os galhos do arvoredor.

FULÔ: Fui lá pra caçá o Dito,  
mas vi lá foi o Sinhô.

ADELAIDE: Ah, é lá que ele se mete?  
Vai lá chamá-lo, Fulô.

FULÔ: O Nhô Bernardo? Cruz Credo!  
Ele... Tá, tá bão, já vou.

*Fulô sai. Apaga-se a luz. Ouvem-se os sons e gemidos pungentes, de súbito confundidos e logo mais substituídos por acordes dos violões.*

AS DUAS VOZES:

Na esperança brilha o ouro.  
Atrás dela o mundo gira.  
Faz a mentira em verdade.  
Faz a verdade em mentira.  
Juriti chora na mata.  
Juriti, como suspira!

## 7.º QUADRO

*Cessam os acordes dos violões, voltando os sons e gemidos. O palco permanece às escuras. Foco sobre o rosto de Bernardo, que se acha sentado na pedra, no cenário à esquerda.*

**BERNARDO** (*ergue-se da pedra, com o rosto sempre acompanhado pelo foco de luz*):

E agora?... Será que o Diogo  
mandou mesmo o relatório?  
Se mandou, mostrar ao fisco  
todo o ouro é obrigatório;  
se não mostrar vinte arrobas,  
lá vem interrogatório.  
Que estúpido é o Diogo!  
E é ouro... é ouro demais  
para em mim acreditarem  
os coletores reais,  
se eu disser que ele sofria  
das faculdades mentais.  
E Adelaide, se ela ao menos  
estivesse do meu lado.  
Mas se for depender dela,  
serei é denunciado.  
E se souberem dos negros?

*De novo os sons pungentes, agora com grande intensidade. Bernardo grita:*

Ai, e se eu for condenado?

*Os sons aumentam ainda mais de intensidade.*

Não! Não me puxem as pernas!  
Que querem, negros, comigo?  
Nem entre os mortos nem entre  
os vivos, tenho um amigo?  
Que fiz? Qual foi meu pecado  
para tamanho castigo?

Até os bichos ferozes  
na selva têm um abrigo.  
E eu, onde pise, meus passos  
vão de perigo a perigo.  
Que fiz? Qual foi meu pecado  
para tamanho castigo?

No fundo céu há estrelas  
para o leproso e o mendigo.  
Nem mesmo uma vela brilha  
na noite por onde sigo.  
Que fiz? Qual foi meu pecado  
para tamanho castigo?

Os mortos dormem sem sonhos  
um sono pesado e antigo.  
Jamais, jamais, vivo ou morto,  
terei a paz de um jazigo.  
Que fiz? Qual foi meu pecado  
para tamanho castigo?

*Bernardo, ainda sob o foco de luz, volta a sentar na pedra. Acende-se a luz, uma luz como a das primeiras horas do amanhecer, e cessam ao mesmo tempo os gemidos. Bernardo está ainda sentado na pedra, mas sua expressão é outra. Agora, a pouca distância da pedra, há uma cova com um monte de areia ao lado. De vez em quando Bernardo gol-*

*peia nervosamente o chão com um chicote. Dito entra, vindo da direita, em passos lentos, carregando ao ombro um saco de couro cru, que deposita no interior da cova. Ouvem-se os violões e a primeira das estrofes a seguir. Depois, a cada entrada de um dos três escravos, do mesmo modo que acima, corresponde o entoar de uma das demais estrofes.*

- 1.<sup>a</sup> VOZ:           Juriti, como suspira!  
                          Beleza sobre beleza  
                          é jóia de ouro enfeitando  
                          o peito de uma princesa.
- 2.<sup>a</sup> VOZ:           Juriti chora na mata.  
                          Se o ouro brota da terra  
                          poucos ganham, e seu brilho  
                          pode acender mesmo a guerra.
- 1.<sup>a</sup> VOZ:           Juriti, como suspira!  
                          Vale mais quem alto voa.  
                          É o ouro que faz o peso  
                          de um cetro e de uma coroa.
- 2.<sup>a</sup> VOZ:           Juriti chora na mata.  
                          Do ouro vale a raridade.  
                          A água vem fácil da terra  
                          e tem mais utilidade.
- 1.<sup>a</sup> VOZ:           Juriti, como suspira!  
                          As nações têm seu tesouro  
                          em mil formas de riquezas,  
                          mas de tudo a base é o ouro.
- 2.<sup>a</sup> VOZ:           Juriti chora na mata.  
                          O chão deu ouro em excesso.  
                          Fosse em vez disso plantado,  
                          maior seria o progresso.

- 1.<sup>a</sup> VOZ: Juriti, como suspira!  
Foi o ouro que trouxe gente  
para os sertões, aumentando  
o Brasil de antigamente.
- 2.<sup>a</sup> VOZ: Juriti chora na mata.  
Um rei que teve por sorte  
ver em ouro o que tocasse  
no ouro quase teve a morte.
- 1.<sup>a</sup> VOZ: Juriti, como suspira!  
A força do ouro é segredo.  
Os noivos se unem trocando  
um anel de ouro no dedo.
- 2.<sup>a</sup> VOZ: Juriti chora na mata.  
Quem tem amor e amizades,  
se tem fama de ter ouro  
vai ver, são só falsidades.
- 1.<sup>a</sup> VOZ: Juriti, como suspira!  
É visão do paraíso  
ver na boca de uma jovem  
o ouro saltar num sorriso.
- 2.<sup>a</sup> VOZ: Juriti chora na mata.  
Pobre de quem tem apego  
à causa dos seus temores.  
Ter ouro é não ter sossego.

*Depois que ao entoar da última estrofe o escravo deposita o saco de ouro, entram de uma vez, sem nada carregar, Dito e os outros dois escravos, reunindo-se os quatro à beira da cova. Cessam os acordes dos violões.*

- DITO: Cabou, Sinhô... Doze saca.
- BERNARDO: Uma saca: arroba e meia.  
Então são dezoito arrobas

que vou cobrir com areia.  
No porão ficaram duas?

DITO: Pois foi. Uma nem tá cheia.

BERNARDO: Negrada, então mãos a obra.

DITO: Quê vosmicê tá falando?

BERNARDO: Vamos! Enterrem as sacas.

*Os quatro escravos empurram para a cova o monte de areia. Ao terminarem, Bernardo mede com os passos a distância e a relação do local com a pedra e arrasta um dos pés sobre a cova já coberta, como para melhor igualar aquele ponto com o resto do terreno.*

DITO: A gente pode i andando?  
Num tem mais coisa niuma.

BERNARDO: Não. Esperem aí... Quando se faz um tão grande esforço tão cedo, de madrugada, é bom comida e repouso.

*Retira da proximidade da pedra um jogo de marmitta com quatro vasilhas e lhes entrega.*

1.º ESCRAVO: Ora! Eu nem num quero nada.

BERNARDO: Tens que comer, para teres a força recuperada.  
Agora vou à fazenda e volto daqui a pouco.

*Bernardo finge que sai mas fica por ali escondido deles, espiando-os. Os escravos sentam na pedra, cada um deles com sua marmitta.*

2.º ESCRAVO: Madrugava todo dia  
prum banquete assim em troco.

3.º ESCRAVO: Ó gente, frango ensopado!  
C'uns trens desses fico louco.  
Quem falou que num queria?

1.º ESCRAVO: Ora!... Cerimônia, ô gente!  
Tá é bão, mas num tá dando  
pra enchê os oco dos dente.

2.º ESCRAVO: Deve sê sobra da janta.

DITO: É... pode sê, mas tá quente.  
Vou cumê só a metade,  
o resto dou pra Fulô.

1.º ESCRAVO: Pra mim num dá pro começo.  
Num dou pra ninguém.

DITO: É... vou  
cumê tudo... Esses cumeres,  
um pouco mais, e estragou.

3.º ESCRAVO: Pois tu faz muito bem, Dito.  
Se ela passa o dia inteiro  
lá, tá mais que acostumada  
a cumê trens cum tempero  
de branco... desses cumeres  
que a gente vê só de cheiro.

2.º ESCRAVO: Hum!... Ela fica lá dentro  
é pra arrumação da casa  
e...

3.º ESCRAVO: E o quê?

2.º ESCRAVO: Ora, sô! Cê sabe.  
Nhô Bernardo é uma brasa.

Quando vê muié na frente,  
ele nem pede... ele arrasa.

DITO: Quem disse esse disparate?

2.º ESCRAVO: Todo mundo sabe.

DITO: E a prova?

2.º ESCRAVO: E se diz que Nhô Bernardo  
num pode vê negra nova.

1.º ESCRAVO: Também ouvi falá nisso.  
Se é memo, Fulô comprova.  
Ai!...

*Leva a mão à altura do estômago.*

3.º ESCRAVO: Quê que é, sô?

1.º ESCRAVO: É meu bucho.  
Parece que tá queimando.

3.º ESCRAVO: Também tu come esganado.

1.º ESCRAVO: Ai, que eu num tou mais güentando!

DITO: Antão num sei que é despeito,  
porque Fulô, desde quando  
chegou, só pra mim que liga?  
Ai!... Ai!... Que coisa engraçada!  
Ni mim também tá doendo.

2.º ESCRAVO: É assim memo, negrada.  
Esses trens faz mal pra gente  
que num tá acostumada.  
Ai!...

3.º ESCRAVO: Que será isso, gente?  
Olha eu também. Tá doendo.

1.º ESCRAVO: É que nem pó de pimenta  
lá no bucho... Tá ardendo.  
Huum!...

*Ergue-se da pedra, dá alguns passos pressionando  
o estômago com as mãos. Cambaleia e cai.*

3.º ESCRAVO: Tá pior que nós tudo,  
coitado! E se tá morrendo?  
Vou chamá o Nhô Bernardo.

*Levanta-se, dá alguns passos, leva as mãos ao ven-  
tre com uma careta de dor, perde o equilíbrio e  
se ajoelha com as mãos no chão.*

Gente, olha eu também... Num güento.

*Bernardo sai do seu esconderijo.*

DITO: Oh! Lá ê-vem Nhô Bernardo.  
Ele é que tem valimento  
pra fazê alguma coisa.

*Tenta erguer-se mas senta-se novamente.*

O doutô... ou benzimento.

*Bernardo aproxima-se.*

2.º ESCRAVO: Olha, Sinhô: Todo mundo  
tá c'uma dor esquisita.  
Manda chamá o doutô.

BERNARDO: Quem sente dor não se agita.  
Quietos, que logo passa.

2.º ESCRAVO: Se vosmicê acredita  
em benzedô curandeiro,  
chama, que a gente até gosta.  
É no bucho, e esses dois, olha:

tão vomitando até bosta.  
Será que eles tão morrendo?

BERNARDO: Estão... se queres resposta.

DITO: Ô Nhô Bernardo, é verdade  
isso que eles fala... sabe?

BERNARDO: Não sei de nada. Só quero  
que morram logo, e isso acabe.

DITO: Tá bão... eu sei que a pergunta  
num tá direito, num cabe...  
O quê?... Que memo que disse?  
Nóis vamo morrê?... Agora?...

BERNARDO: Em pouco morrerão todos.  
Se crês em Deus, Dito, ora.  
Sempre ajuda. E como odeio  
ver mortes, eu vou-me embora.

DITO: Mas, Sinhô, e a gente fica  
sozinho aqui, nesse estado?  
Por que que tamo morrendo  
assim, que nem uns coitado?

BERNARDO: Todos comeram do frango.  
Bem, estava envenenado.

2.º ESCRAVO: Antão foi isso?

*Ergue-se e avança para agredir Bernardo, que para defender-se levanta o chicote. Antes porém de o escravo chegar ao alcance dele, leva a mão ao estômago com uma contorção de dor e cai por terra.*

BERNARDO: Em tais casos  
é bom ficar bem quieto.  
Quem morre calmo, já morto

tão vomitando até bosta.  
Será que eles tão morrendo?

BERNARDO: Estão... se queres resposta.

DITO: Ô Nhô Bernardo, é verdade  
isso que eles fala... sabe?

BERNARDO: Não sei de nada. Só quero  
que morram logo, e isso acabe.

DITO: Tá bão... eu sei que a pergunta  
num tá direito, num cabe...  
O quê?... Que memo que disse?  
Nóis vamo morrê?... Agora?...

BERNARDO: Em pouco morrerão todos.  
Se crês em Deus, Dito, ora.  
Sempre ajuda. E como odeio  
ver mortes, eu vou-me embora.

DITO: Mas, Sinhô, e a gente fica  
sozinho aqui, nesse estado?  
Por que que tamo morrendo  
assim, que nem uns coitado?

BERNARDO: Todos comeram do frango.  
Bem, estava envenenado.

2.º ESCRAVO: Antão foi isso?

*Ergue-se e avança para agredir Bernardo, que para defender-se levanta o chicote. Antes porém de o escravo chegar ao alcance dele, leva a mão ao estômago com uma contorção de dor e cai por terra.*

BERNARDO: Em tais casos  
é bom ficar bem quieto.  
Quem morre calmo, já morto

sempre tem melhor aspecto.  
Só assim, morrendo todos,  
tenho o ouro em lugar secreto.

*Novamente finge que sal. Pausa.*

2.º ESCRAVO: Dito!

DITO: O quê?

2.º ESCRAVO: Aquilo dela  
é coisa que os outros fala.  
Nem num foi por mal que eu disse.  
É conversa da senzala.

DITO: Tá bão. Eu sei que é conversa.  
Agora vê se te cala.

2.º ESCRAVO: Dito!

DITO: O quê?

2.º ESCRAVO: Será, hein, Dito,  
que a gente vai morrê memo?

DITO: Dicerto. Co'a veneneira  
que na barriga nós temo.

2.º ESCRAVO: Se a Sinhazinha tá viva!  
Por que só nós que morremo?  
E agora já nem dói quase.

DITO: Antão vê se dorme um pouco.

2.º ESCRAVO: Dito!

DITO: Ora, sô! Vê se dorme.

2.º ESCRAVO: Vem cá... Tenho um medo louco  
de morrê sozinho... Sabe?

**DITO:** Num fala... Tu já tá rouco.  
E num precisa tê medo,  
que daqui num vou embora...  
Fulô, será que foi memo?  
Ai, minha Nossa Senhora!  
Nem num posso pensá nisso,  
senão ni mim tudo chora.

**2.º ESCRAVO:** Dito!

**VO:** Dito!

**2.º ESCRAVO**

**2.º ESCRAVO:** Tá bão. Mas tu tá lembrado  
daquilo... lugar secreto?  
Nem num ia falá nada.  
Pois até que eu sou discreto.

**DITO:** É, sô, num era preciso  
de dá veneno pra gente.  
Era só pedi — e pronto,  
que de nós aqui presente  
nium é desses que vive  
dando co'a língua nos dente.  
Num vamo falá mais. Dorme...  
Mas, sô, que coisa engraçada!  
Que nem tu, minha barriga  
num tá doendo mais nada.  
Vai vê, é o memo veneno  
da Sinhazinha... Coitada.  
Tão bonita, e tê sofrido  
tanta dor na barriguinha.  
Coisa engraçada... esse frango,  
que gosto bão que ele tinha!  
E essas coisas que eles dizem  
logo da Fulô... Tadinha!

*Acordes dos violões. Dito canta:*

Adeus! Adeus! Adeus!  
O mundo foge a galope,

vai indo nos óios teus.  
O mundo foge pra longe  
e nada posso fazê.  
Adeus! A... deus! A...

*Ergue-se num esforço para articular a voz e cai em cima da pedra. Os violões continuam. Bernardo sai do esconderijo, toca com a ponta do pé os corpos dos escravos e os arrasta, um a um, atirando-os no rio. Ao atirar o último deles, cessam os acordes.*

**BERNARDO:** Negrada, de vocês quatro até que me penalizo.  
Mas nesta altura das cousas não posso ser indeciso, e o certo é que os liquidando eu fiz o que era preciso.  
Só assim, com vocês mortos, não se ouvirão mais palavras sobre o ouro aqui enterrado nem sobre o ouro das lavras.  
Só assim, com vocês mortos, ninguém meus planos entrava.

*Pausa. Ouvem-se de repente os sons agudos. Bernardo, surpreso, apura o ouvido e senta na pedra, intrigado. A luz se apaga e Bernardo, sob o foco, assume a mesma expressão de antes da cena do enterro do ouro. Os sons agudos convertem-se num misto de rajadas de vento contra as folhas e de vozes lancinantes. Bernardo, sempre sob o foco, olha o rio e em redor, com expressão de pavor.*

**BERNARDO:** Não!... E Adelaide?... Só ela...  
Ela é quem pode salvar-me.  
E basta que com suspeitas esses fiscais não alarme.  
É minha irmã, tem meu sangue nas veias... Que isso a desarme.

Já sei... Como ela é, só mesmo  
uma razão bem nobre há-de  
demovê-la... É!... Vou fazê-la  
acreditar ser verdade  
que em tudo o que fiz movia-me  
a idéia da liberdade.

*Prepara-se para sair. Cessa o zumbido e ouve-se  
a voz de Fulô cantarolando. Bernardo pára à es-  
preita. Acende-se a luz.*

Quem vem, quem vem de tão longe,  
ou quem pra bem longe vai,  
sente uma coisa no peito.

Ai, ai!

Ai, ai!

Pra güentá isso no peito,  
dai força, Sinhô meu Pai.

Quem vem, quem vem de tão longe,  
de longe traz uma dor.

Ai, ai!

Ai, ai!

Eu vim das terras de Angola.  
Vim encontrá meu amor.

**BERNARDO** (*Chamando-a*):

Fulô!

**FULÔ** (*Assustada*):           Inhô?

**BERNARDO**:                           Fulô, como...

Como cantavas bonito!

**FULÔ**:                           É porque tava cum medo.  
Tinha um barulho esquisito  
memo aqui... Gente gemendo,  
mas de mistura c'uns grito.

**BERNARDO**:           Fulô, o que estás fazendo?

FULÔ: Eu vim chamá o sinhô.

BERNARDO: Ah, então vieste ver-me?

FULÔ: Foi a Sinhá que mandou.  
Ela pediu pra i vê ela.

BERNARDO: Mas como és bonita!

FULÔ: Eu?... Sou?...

BERNARDO: Fulô!

FULÔ: Aqui me dá uma  
vontade de achá o Dito.

BERNARDO: O Dito é negro fugido.

FULÔ: Disculpa, eu num acredito.

BERNARDO: Por este sertão, palavra,  
não há nada tão bonito  
como teu corpo, menina.

FULÔ: O Dito é moço direito  
e gosta daqui das lavras  
de um tanto, que num tem jeito.  
E nem num é mais escravo.  
Já é gente de preceito.

BERNARDO: Senta aqui, Fulô.

FULÔ: Adonde?

BERNARDO: Na pedra.

FULÔ (*Sentando-se contrafeita*):  
Ah!... a Sinhazinha...  
Vosmicê sabe?... Ela gosta  
de sentá aqui.

BERNARDO (*Lúbrico*): Diabinha!

*(Puxa-a para junto dele, envolve-a com um braço e põe-se a apalpá-la.)*

Mais perto de mim... bem perto.  
Fulô, como és bem feitinha!

FULÔ: Não! Não!... A Sinhá... O Dito  
num vai gostá...

BERNARDO: Ô boboca!  
O Dito fugiu, já disse.  
Te pego, e ganhas na troca.

FULÔ: Fugiu não, Sinhô. O Dito...

BERNARDO: Vamos, nega, uma beijoca.  
Teu Dito morreu. Quieta!

FULÔ (*Desvencilhando-se a custo*):  
O Dito morreu? Quem disse?

BERNARDO (*Embaraçado*):  
Hum!... Tanto tempo sumido.  
Se vivesse... e alguém o visse,  
viria contar, na certa...  
E vem... chega de denguice!

*(Agarra-a novamente.)*

Agora fica quieta  
e não reajas, menina.  
Vai ser aqui, aqui mesmo,  
e não digas patavina.  
És minha escrava, e assim deves  
servir-me por disciplina.

*(Obriga-a a deitar e suspende-lhe a saia, enquanto  
ela se defende como pode, afastando-o ora com um  
dos joelhos ora com outro.)*

FULÔ: Não!... Num faz isso comigo.  
Eu nem num sou mais escrava.  
Tou livre... O Sinhô Diogo  
é que falou que eu já tava.

BERNARDO: Pois luta, Fulô, que eu gosto  
é de mulher assim brava,  
desde que ao fim de algum tempo  
ceda e me faça a vontade.

*Levanta-se e põe um dos pés em cima de Fulô como  
para a impedir de fugir, e tira as próprias calças.*

FULÔ: Dito, num deixa o Sinhô  
me fazê essa ruindade.  
Quero sê só de tu, Dito.

*Grita: Vem me acudi... Piedade!*

*Ouvem-se com mais intensidade do que nunca, e  
em meio a gritos de ódio, os sons e gemidos. Ber-  
nardo, que se preparava para se lançar sobre Fulô,  
fica como que paralisado, interrompe o gesto e sai  
rogando uma praga. Fulô se recompõe e sai também.*

## 8.º QUADRO

*Luz normal em ambos os cenários. O da esquerda permanece vazio. No da direita, Adelaide e Isabel prosseguem o diálogo interrompido no 6.º quadro, mas sem a presença de Diogo.*

ISABEL: Hein, mamãe, o que a atormenta é esse livro ou... meu tio?

ADELAIDE: Melhor que eu me desabafe de vez, filha... É o vadio do meu irmão. Estou certa de que não o calunio se afirmo que ele não passa de um assassino, um falsário. Foi quem forjou este livro; depois, de modo sumário, deu sumiço às sacas de ouro e aos escravos... O ordinário!

ISABEL: Cruz, mamãe!... E a razão disso, por Deus, qual teria sido?

ADELAIDE: E podia ter alguma razão aquele bandido? Ai, Deus! Lembrar que eu quis tanto que ele fosse teu marido.

ISABEL: Ora! Se esse ouro era dele tanto quanto ele era nosso,

por que... por que escondê-lo?  
É o que entender eu não posso...  
Por que matar os escravos?

ADELAIDE: Filha, a verdade eu só roço.  
Mas talvez fosse movido  
por alguma enfermidade.  
No seu normal, quem seria  
capaz de tanta maldade?

BERNARDO (*entrando*):  
Mana, sei como te sentes.  
Vais saber toda a verdade.

ADELAIDE: Ei!... Não me venhas com tuas  
disparatadas conversas.

ISABEL: Que ele fale... Talvez mostre  
algumas razões diversas  
do que a senhora imagina.

ADELAIDE: Quem de cousas tão perversas  
é capaz, razões não mostra  
a não ser que é um demente.

BERNARDO: Fui talvez precipitado,  
talvez pouco inteligente.

ADELAIDE: Talvez!... Um monstro, é que foste.

ISABEL: Mãe, sinto que ele não mente  
se diz que vai contar tudo.

*Bernardo volta-se para Isabel, surpreso e como a  
pedir ajuda.*

BERNARDO: É isso mesmo: Não minto.  
Quero dizer a verdade  
como também o que sinto.  
A ânsia de confessar tudo

veio assim, por um instinto...  
Saibam as duas: Ajudo  
a libertar nossa terra  
do jugo dos portugueses,  
por sua vez da Inglaterra  
dependentes e explorados.

**ADELAIDE:** Ouvir tal coisa me aterra.  
E é isso que em tantos anos  
foste aprender em Lisboa?

**BERNARDO:** Também isso, boa mana.  
O que quer uma pessoa  
que vê a Corte de perto,  
é livrar-se da Coroa.  
E quanto ao Brasil, revolta  
ver que lhe mandamos ouro  
catado com sacrifício  
para que o Real Tesouro  
se envolva em negociatas.  
E é insulto, é desaforo  
que erijam obras supérfluas  
enquanto aqui é esse atraso.  
A tal situação eu e outros  
colegas demos um prazo.  
Como, porém, a vitória  
não vem assim por acaso,  
antes de nos separarmos  
ficou por nós combinado  
que no que fosse possível  
cada um de nós, por seu lado,  
ao regressar à colônia  
já ficasse preparado.  
Assim, quando soube do ouro  
eu só pensei em retê-lo  
e reduzir bem os quintos.  
O ouro, eu enterrei com zelo  
e sem pensar que isso iria  
acabar num pesadelo.

- ADELAIDE: Eu logo vi... Mas, Bernardo,  
que idéias mais perigosas  
são estas de independência  
que assim, de repente, esposas!
- ISABEL: Ora, mas essas idéias,  
mamãe, são maravilhosas!
- ADELAIDE: Bernardo, outra cousa: E os negros?  
Nossos quatro catadores?
- BERNARDO: Bem... Eram nossos escravos...  
Há escravos... e há senhores...  
Se eu enterrei o ouro, como  
deixar possíveis rumores  
sobre isso?... Se eram bons negros,  
a causa é mais importante.
- ADELAIDE: Eram bons... Como? Estão mortos?
- BERNARDO: Dei-lhes um... estimulante;  
e então, porque não explico,  
morreram no mesmo instante.
- ADELAIDE: Então é certo! Mataste-os.  
Fora daqui, assassino!  
Que sumas da minha vista,  
e desde já te previno  
que nas mãos dos coletores  
vou colocar teu destino.

*Bernardo vai recuando, acuado pelas ameaças de Adelaide, até desaparecer. Apaga-se a luz no cenário à direita e, pouco depois, ele ressurge no da esquerda, ainda a andar recuando. À sua aproximação do rio, ouvem-se novamente os gemidos e gritos. Apavorado, ele continua recuando até à pedra, onde se senta, na postura de quem senta num banco dos réus. Apaga-se a luz também no cenário*

*à esquerda. Foco sobre Bernardo sentado na pedra. Sons de violões misturam-se com os gritos e gemidos, por algum tempo, depois ficando só os violões, no ritmo das toadas e desafios dos violeiros do Centro-Oeste. O foco permanece sobre Bernardo, na pedra, enquanto são cantadas as estrofes que se seguem.*

1.<sup>a</sup> VOZ: Agora tu, meu compadre,  
que as coisas tão bem exprimes,  
me explica como em família  
de costumes tão sublimes  
nasce um monstro, e que riqueza  
compensaria os seus crimes.

2.<sup>a</sup> VOZ: Se julgas outros, não julgues  
com olhos de apaixonado.  
É bom que tomes partido  
e escolhas o melhor lado,  
mas por amor ao que pensas  
nunca dês por certo o errado.

1.<sup>a</sup> VOZ: Eu não dou por certo o errado,  
nem dou o errado por certo.  
Se escuto razões contrárias,  
sou até que muito aberto.  
O que não posso, compadre,  
é ver canalhas por perto.

2.<sup>a</sup> VOZ: Compadre, se é bom ter raiva,  
não é bom ser impulsivo.  
Se olhas o fundo de um crime  
encontras sempre um motivo.  
Cabe a quem julga ver antes  
se ele é ou não positivo.

1.<sup>a</sup> VOZ: Os motivos de um covarde  
a gente nem mesmo escuta,  
e um crime só tem motivo

se é seu motivo uma luta.  
O que esse moço era mesmo  
era um bom filho-da-puta.

2.<sup>a</sup> VOZ: Se a gente quer viver livre  
e um rei faz tudo em contrário,  
e aquilo que é pra ser nosso  
vai em favor de outro erário,  
a gente tenha ou não tenha  
o fogo de um libertário,  
lutar por todos os meios  
é mais do que necessário...

1.<sup>a</sup> VOZ: Ei, pára aí, meu compadre!  
Cantando comigo evita  
encompridar, que em seis versos  
a coisa pode ser dita.  
E nem com seiscentos versos  
salvas uma alma maldita.

2.<sup>a</sup> VOZ: Compadre, só vês o crime,  
e um crime sempre revolta.  
Mas são justos os impostos  
se em troca nada nos volta?  
E se alguém sabe um segredo,  
um dia a língua não solta?

1.<sup>a</sup> VOZ: Mas não vais dizer que é certo  
matar — e dessa maneira.  
Que tinham a ver os negros  
com ambição tão rasteira?  
Pra quem faz tanta ruindade  
é pouco a lepra e a cegueira.

2.<sup>a</sup> VOZ: Se é coisa assim tão difícil  
julgar os outros, não tentes.  
É comum nas grandes causas  
sacrificar inocentes.

Isto se dá desde o Cristo  
e desde os Inconfidentes.

1.<sup>a</sup> VOZ: Não botes no mesmo saco  
Cristo e heróis e esse canalha,  
de quem se morto o cobrissem  
protestaria a mortalha,  
e que de bons sentimentos  
não tinha uma só migalha.

2.<sup>a</sup> VOZ: O que esse moço queria  
os heróis de Vila Rica  
também queriam, compadre.  
E isto em parte o justifica.  
Uma nação só é livre  
se é rica e sabe ser rica.

*Cessado o canto, os violões prosseguem no mesmo  
ritmo.*

## REMATE

*A tela reaparece no palco e é projetado um slide mostrando Bernardo na mesma postura em que se achava na pedra, mas num banco dos réus. Os violões passam a um tom de música de fundo para o recitativo. Durante o recitativo, são mostrados ou sugeridos outros momentos do julgamento e execução do personagem — que depois de ir à força teve o corpo retalhado e atirado ao rio, no local onde havia jogado os corpos dos escravos — bem como, de acordo com o narrado ou dito pelas vozes, cenas de catas, do enterramento do ouro e outras esparsas da peça entremeadas com trechos do rio e suas margens.*

1.<sup>a</sup> VOZ:

E dias depois, Bernardo  
à força foi condenado.  
Por seus crimes, um enterro  
cristão lhe foi recusado.  
Seu corpo, feito em pedaços,  
ao rio foi atirado.

2.<sup>a</sup> VOZ:

Então mais fortes se ouviram  
por perto, por todo lado,  
os gemidos que deixavam  
quem os ouvia assombrado,  
até que após muitas buscas  
o ouro foi desenterrado.

- 1.<sup>a</sup> VOZ: O rio tinha outro nome  
antes que isso acontecesse.
- 2.<sup>a</sup> VOZ: O nome era Mela-Ponte,  
mas isso é sem interesse.
- 1.<sup>a</sup> VOZ: A história nunca findava  
se tudo a gente metesse.
- 2.<sup>a</sup> VOZ: O ouro forma-se na terra;  
na terra fica esquecido.
- 1.<sup>a</sup> VOZ: Se um dia o tiram da terra,  
voltar não tem mais sentido.
- 2.<sup>a</sup> VOZ: Quer ficar à flor da terra  
e ao mundo dar colorido.
- 1.<sup>a</sup> VOZ: Se alguém o devolve à terra,  
sua alma nunca descansa.
- 2.<sup>a</sup> VOZ: Fica em volta do ouro oculto  
gemendo em lúgubre dança.
- 1.<sup>a</sup> VOZ: Só se um dia acharem o ouro,  
sua alma o repouso alcança.
- 2.<sup>a</sup> VOZ: E por isso aí se ouviam  
tantos gemidos pungentes.
- 1.<sup>a</sup> VOZ: Eram as almas dos negros  
gritando pelas correntes.
- 2.<sup>a</sup> VOZ: Contra a alma de Bernardo  
em desafios frementes.
- 1.<sup>a</sup> VOZ: Quem passava lá por perto  
tinha um medo... um arrepio...

2.<sup>a</sup> VOZ: Por todas as redondezas  
era um pavor... era um frio...

1.<sup>a</sup> VOZ: E então de Rio das Almas  
passou a chamar-se o rio.

*Forte dedilhada dos violões*

F I M